

# EXPRESSIONISMO E LITERATURA: O Último dos Homens

**Maria João Lello Ortigão de Oliveira**

*Professora Auxiliar na Faculdade de Belas-Artes  
da Universidade de Lisboa (FBAUL).*

Que povo estranho é no fundo o alemão! Os seus pensamentos profundos, com as ideias que procura constantemente e introduz por toda a parte, tornam realmente a vida demasiado dura! Ora! que tenham a coragem de se deixar andar como mais lhe agrade... e não pense sempre que é vão tudo o que não seja uma ideia ou um pensamento abstracto.

Goethe citado por Eckermann

Certo dia de inverno, ao acordar, um caixeiro-viajante chamado Gregor sentiu-se estranho. Aos poucos foi-se apercebendo que tinha as costas duras, o ventre húmido e arqueado, inúmeras patas.

*«Que me aconteceu, pensou. Não era nenhum sonho. O quarto, um vulgar quarto humano, apenas bastante acanhado, ali estava como de costume, entre as quatro paredes que lhe eram familiares. Por cima da mesa onde estava deitado, desmbrulhada e em completa desordem, uma série de amostrasa de roupas: Samsa era caixeiro-viajante, estava pendurada a fotografia que recentemente recortara de uma revista ilustrada e colocara numa bonita moldura dourada. Mostrava uma senhora de chapéu e esfola de peles, rigidamente sentada, a estender ao espectador um enorme regalo de peles, onde o antebraço sumia! Gregor desviou então a vista para a janela e deu com o céu nublado- ouviam-se os pingos de chuva a baterem na calha da Jane Ia e isso fê-lo sentir-se bastante melancólico. Não seria melhor dormir um pouco e esquecer todo este delírio ?- cogitou. Mas era impossível, estava habituado a dormir para o lado direito e na presente situação, não podia virar-se. Por mais que se esforçasse por inclinar o corpo para a direita, estava sempre a rebolar; ficando de costas. Tentou pelo menos cem vezes, fechando os olhos, para evitar ver as pernas debaterem-se, e só desistiu quando começou a sentir no flanco uma ligeira dor entorpecida que nunca antes experimentara. (...)*

Praticamente ao mesmo tempo, um homem mostrava a outro, um hospital de doentes terminais e constatava sem qualquer emoção:

*Homem, aqui estas fileiras são dos ventres cancerosos  
E esta fileira dos seios cancerosos  
Leito por leito fétido.  
As enfermeiras revezam-se de hora a hora.  
Venha, pode levantar esta cobertura  
Olhe este amontoado de gordura e secreção pútrida  
Já foi antes tudo para um homem(...)*

Gostaria de citar agora, um terceiro excerto onde, coisa estranha, nada acontece:

*Estava assinalada uma depressão sobre o Atlântico; deslocava-se de oeste para leste, ao encontro de um anticiclone situado por cima da Rússia, e não manifestava qualquer tendência a evitá-lo, seguindo para o Norte. Os isótermos e os isóteros cumpriam as suas obrigações. A relação entre a temperatura do ar e a temperatura média anual, a do mês mais frio e a do mês mais quente, e as suas variações mensais periódicas, era normal. O nascer do sol e da lua, as fases desta, de Vénus e do anel de Saturno, bem como muitos outros fenómenos importantes, decorriam conformes às previsões dos anuários astronómicos. A percentagem de vapor na atmosfera atingia o máximo e a humidade relativa era fraca. Por outras palavras, se quiséssemos utilizar uma fórmula ultrapassada, mas indiscutivelmente sensata, diríamos que se estava na presença de um belo dia de Agosto do ano de 1913.*

Como já devem ter notado, achei por bem iniciar esta comunicação com três santos tutelares de particular devoção, três pesos pesados da literatura de língua alemã da primeira metade do século XX.

Não se trata de me escusar ao amável convite do Fernando Rosa Dias, que me sugeriu que falasse sobre expressionismo na literatura ou literatura expressionista, mas tentar perceber porque a mera evocação dos seus autores canónicos - Franz Werfel, Schiel, Trakl, Doblin, Ungar, entre outros, não permite sequer confronto sério com os autores acima mencionados: Franz Kafka, Gottfried Benn, Robert Musil. Tentar então entender a razão pela qual os ismos militantes não suscitam automaticamente a gestação de obras primas, pelo menos neste caso, pareceu-me mais estimulante do que soletrar súmulas de movimentos, suas causas e consequências, ou resumir biografias intensas/extensas dos respectivos criadores.

Se o expressionismo é uma vanguarda que privilegia o grotesco, a deformação, a morbidez, no intuito de produzir um choque emocional no público incauto, se aquilo que exprime é a deficiência do ser, a falência da racionalidade e da ética, a reflexão trágica sobre o universo, a inquietação interior sobre um fundo apocalíptico, a luta do indivíduo contra a sociedade opressiva, inevitavelmente burguesa, ou nas palavras sempre sábias de Nietzsche, a cólera existencialista selvagem, se ele é tudo isto, temos pelo menos três problemas a resolver:

O primeiro é que com tão graves e hirsutos pressupostos teóricos, é difícil escapar aos manifestos, marca genética e bilhete de identidade das diversas vanguardas, ou iludir a tentação dos romances de tese, tão apropriados aos temas acima descritos e tão bem intencionados quanto maça-

dores. Proust dizia, com a insustentável leveza que o caracterizava, que tais experiências lhe lembravam os objectos caros que ainda conservavam a etiqueta com o preço.

O segundo problema é que o mal de viver, agora germanicamente apelidado de *angst*, resulta de uma percepção intemporal, um *modus* de cultura transversal, que irrompe em tempos de crise e por isso não se pode apresentar como novidade absoluta. Como reivindicar então o projecto vanguardista, quando por um lado, se é herdeiro escancarado, legitimado, do romantismo e do simbolismo oitocentistas, e por outro, se pretende recuperar linguagens primitivas traduzidas em imagens simplificadas, brutalizadas, que reenviam a modelos arcaicos e infantis, inequivocamente regressivos?.

Em terceiro lugar, os ventos da história não foram meigos em 1914 e encarregaram-se de demonstrar na prática dolorosa da 1ª Grande Guerra a palidez - e porque não?- a futilidade de tais rumações conceptuais.

De facto, nada do que foi descrito ou antecipado pelos jovens turcos - neste caso germânicos - do início do século, se poderia aproximar, em som e fúria, à violência física, real, das trincheiras. Como era inevitável, chegou-se a um beco sem saída e nós sabemos como o Ocidente se (des)gosta de bloqueios nihilistas. Por alguma razão, a menina querida que resolve todos os impasses teóricos a que constantemente nos remetemos, se chama dialética.

Reféns das dissonâncias que eles próprios criaram, considerados degenerados quer pela esquerda, quer pela direita, ambas triunfantes, epopeicas e bastante ameaçadoras, a verdade é que não tinham resposta para o que aí vinha. As soluções foram várias e arrepiantes, dignas de ultrapassar os textos sofríveis que escreviam: uns enlouqueceram, outros morreram na Guerra antecipada e temida, desejada e odiada. Houve ainda os que se tornaram místicos, solução sempre bem vinda, quando a incapacidade de viver encontra a impossibilidade de morrer, outros ainda aderiram ao nazismo, espécie de desastrosa fuga em frente, manipuladora e vingativa, que preconizava a desistência do pensamento próprio em troca das delícias do encontro colectivo de vontades, ou melhor ainda, como diria Leni Riefenstahl, do triunfo da Vontade !.

Autores insuspeitos e não alinhados - Wittgenstein, entre outros - iam insistindo na contestação aos tradicionais critérios de beleza e bondade - e nós acrescentaríamos os recém divulgados conceitos de fealdade e torpeza, exactos opostos e por isso equivalentes - e alertado para o facto de

que apenas a inspiração visionária ou a convicção da imaginação os poderiam substituir.

Daí que os grandes criadores deste tempo da vanguarda expressionista, tenham sido justamente aqueles que, marcados embora pela circunstância, de longe a ultrapassaram, e que anunciando o fim do sujeito através de vários saltos das espécies, da deformação à máscara, da desumanização ao seu excesso, da transformação à metamorfose, devolveram a uma sociedade descrente, a força da criatividade individual.

Talvez também porque souberam dar corpo – literalmente – a um princípio expressionista, que os acólitos medianos evitaram ou ignoraram, perdidos num choro narcísico e miserabilista. Trata-se da vida não orgânica das coisas, a vida terrível que ignora a sabedoria e as fronteiras do organismo, essa germinalidade pré-orgânica que desde Goethe, o clássico, sabemos que existe nas profundezas do abismo, para atormentar as nossas ilusões humanistas. A descida ao Hades, e mais baixo ainda, ao reino das Mães, não é feita por quem quer!

Assim Kafka, transformado em escaravelho agonizante de uma metamorfose incompleta, oscilante entre o animal e o humano, nem uma coisa nem outra, príncipe encantado às avessas, cujo sacrifício não vai redimir ninguém. Assim também Gottfried Benn, médico de todas as agonias, de todas as dissecações, perdido no mundo obsessivo dos objectos parciais, e o que é mais grave ainda, no labirinto da história, destruído por eles, condenado por ela. Finalmente Musil, demasiado *cool* e voluntariamente despersonalizado para ser a voz da sua geração, que não tinha como todos os enormes, animado de ímpeto profético e confrontado com o projecto do livro inacabado cujas primeiras linhas celebram a ausência do homem no esplendor imperturbável da meteorologia.

Todos eles assinalaram o desespero que leva à impraticabilidade de qualquer acto humano, e contiveram o grito que para sempre Munch deixou suspenso, em silêncio, numa tela colorida.

Homens últimos vestígios de um tempo anterior, últimos homens do seu próprio tempo, são seres de excepção, anunciando o fim da humanidade, mas representando afinal como poucos, a garantia de que isso não vai acontecer tão cedo.



Friedrich-Wilhelm Murnau, *Der Letzte Mann* (*O Último dos Homens*), 1924

#### Apêndice:

Em 1924, Murnau realiza um filme intitulado *O Último dos Homens*. Transfere-se para a realidade sociológica da perda de emprego, estatuto e identidade, o vazio metafísico de Kafka o trágico, de Benn o cínico, de Musil o visionário.

E hesito em decidir se a força destas imagens que vamos ver agora dispensa para sempre as palavras, ou se pelo contrário, só elas alertam para a dimensão exacta do seu poder.

**Bibliografia:**

- Citati, Pietro, *Kafka*, Cotovia, Lisboa, 2001
- Citati, Pietro, *Goethe, L'arpenteur*, Gallimard, Paris, 1992
- Kafka, Franz, *A Metamorfose*, livros do Brasil, Lisboa, s.d.
- Benn, Gottfried, *50 poemas*, Relógio d'água, Lisboa, 1999
- Musil, Robert, *O Homem sem Qualidades*, livros do Brasil, Lisboa, s.d.

*Lisboa, Maio/ Junho de 2006*